
DE “(O) QUE É FEITO DE” A “CADÊ QUE”: A GRAMATICALIZAÇÃO EM CARTAS PESSOAIS DE CEARENSES AO LONGO DO SÉCULO XX

Francisco Jardes Nobre de ARAÚJO
Doutor em Linguística pela UFC¹

RESUMO

Bastante empregada no português brasileiro, a palavra “cadê” é resultado da gramaticalização sofrida pela expressão “O que é feito de”. O presente artigo analisa a passagem dessa expressão ao marcador discursivo “cadê que” à luz do Funcionalismo. Utiliza uma amostra de 431 cartas pessoais escritas ao longo do século XX por cearenses. A análise mostra que, embora o processo de gramaticalização e de aglutinação da expressão tenha se iniciado ainda no século XVI, todas as suas formas (à exceção de “quedê”) têm ocorrência nas cartas do século XX, porém a forma menos gramaticalizada “o que é feito de” caiu de uso nas cartas por volta dos anos 1950, enquanto a forma mais gramaticalizada “cadê que” só aparece em cartas dos anos 1990.

Palavras-chaves: Cadê. Gramaticalização. Cartas pessoais.

O QUE É FEITO DO ‘CADÊ’

Estudiosos da língua portuguesa (cf. Luft, 1995; Menon, 2014) apontam como origem da palavra “cadê” a expressão “(o) que é (feito) de”, usada para se perguntar sobre o paradeiro de alguém ou de algo. Inicialmente, essa expressão teria sofrido a elipse do particípio “feito” e, posteriormente, aglutinação e deslocamento do acento:

(O) Que é feito de → Que é de → Qu'ède → Qu[ê]de → Quedê → Cadê

Contrariando os que afirmam que a palavra “cadê” é uma criação do português brasileiro, como o dicionário Houaiss (2001) e Rodrigues (2015), a minuciosa pesquisa filológica de Menon (2014) encontrou ocorrências das formas contratas variantes dessa palavra, mais antigas e próximas da expressão plena “que é de”, ou seja, “q' é de” e “quede”, em textos do século XV, portanto, anteriores à formação do português brasileiro.

No Brasil, ao contrário do que ocorreu em Portugal, a expressão “(o) que é (feito) de” não apenas sobreviveu nas formas aglutinadas, como seguiu ampliando sua função, a ponto de constituir a locução “cadê que”, um marcador discursivo que põe em destaque a não realização de algo esperado, como nestes versos da música composta por Baden Powell e Paulo César Pinheiro e gravada por Elis Regina em 1970:

¹ Endereço eletrônico: jardsnobre@hotmail.com

(1) E agora, cadê teu novo amor? / *Cadê que* ele nunca funcionou? / *Cadê que* ele nada resolveu?²

Apesar de uso tão frequente no português do Brasil³, raramente se encontra alguma referência à forma “cadê” nas gramáticas normativas, nas gramáticas descritivas do português brasileiro ou nas publicações sobre língua portuguesa. Luft (1995, p. 70) é um dos poucos que menciona as três formas — “*quedê (quede)* ou *cadê*” — e as inclui na lista de “partículas e locuções diversas (palavras de classificação difícil)” como sendo “de pergunta”.

Na variedade falada no estado do Ceará, as referidas formas são comuns, tendo sido registradas em algumas obras da literatura cearense, nos discursos diretos, como em “Cenas populares” (Juvenal Galeno, de 1871) e “Dona Guidinha do Poço” (Oliveira Paiva, de 1892).

A passagem de “(o) que é (feito) de” a “cadê que” constitui um caso de gramaticalização que será descrito mais adiante. Para isso, será utilizada uma amostra de 431 cartas pessoais coletadas para a pesquisa de Araújo (em curso)⁴ sobre a alternância de pronomes com referência à 2ª pessoa do singular. As cartas foram escritas apenas por cearenses entre o ano de 1940 e o ano de 2000. Sendo cartas pessoais, foram trocadas entre parentes, amigos, namorados, noivos ou cônjuges e escritas tanto por/para homens quanto por/para mulheres, tanto por/para jovens quanto por/para adultos. A amostra é bastante diversificada: algumas de pessoas mais habituadas à leitura e, portanto, que escreviam com certa preocupação estilística, conscientes de estarem usando uma modalidade diferente da fala, como as cartas produzidas por alguns pastores ou seminaristas; outras foram escritas por pessoas de baixa escolaridade e apresentam muitas marcas da oralidade e desvios da ortografia oficial.

As ocorrências de todas as formas da expressão analisada aqui (de “[o] que é [feito] de” a “cadê que”) foram contadas e apresentadas em tabela para verificação de sua frequência ao longo das cartas da amostra e analisadas conforme a teoria comentada a seguir. Os objetivos do trabalho são (i) verificar se as variantes da expressão “(o) que é feito de” ocorrem todas ao

² A música se chama “Vou deitar e rolar (Quaquaraquaquá)” e é a primeira faixa do disco *Em pleno verão*, gravado por Elis Regina em 1970 pela gravadora Phillips.

³ A palavra aparece em letras de músicas, nomes de filmes (ex.: “Cadê minha entrega?” [2009] e “Epa! Cadê o Noé?” [2016]), quadro de programa de TV (“Cadê o dinheiro que estava aqui?”, do programa *Fantástico*, da Rede Globo, 2017), *sites*, *blogs*, bordões (ex.: “Scooby-Doo, cadê você?” do desenho animado Scooby-Doo, versão brasileira), dentre outros gêneros.

⁴ A pesquisa está sendo desenvolvida no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará com previsão de conclusão no segundo semestre de 2018. As cartas em que aparecem as variantes de “o que é feito de” podem ser solicitadas pelo e-mail jardsnobre@gmail.com.

longo do período recoberto pela amostra (1940-2000) e, em caso afirmativo, se se sucedem ou se alternam com o passar do tempo; e (ii) descrever e analisar o processo de gramaticalização da referida expressão a partir das ocorrências encontradas na amostra à luz do Funcionalismo (Lehmann, 1982; Hopper, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Bybee, 2007, dentre outros) aplicando o método empregado na Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), a saber, o uso de cartas pessoais para acessar o vernáculo.

O Que é Gramaticalização

O conceito de gramaticalização está relacionado com uma dicotomia que se costuma estabelecer entre as formas linguísticas, a saber: itens lexicais vs. itens gramaticais. Àqueles corresponde o que Meillet (1912) chamou de “palavras principais” (*mots principaux*); a estes, o que chamou de “palavras acessórias” (*mots accessoires*). Para ele, “*les mots principaux sont ceux qui indiquent les idées essentielles pour lesquelles est faite la phrase.*”⁵ (*id.*, p. 134). Em outras palavras, são elementos linguísticos cuja referência se encontra no universo bio-psíquico-social (seres, ações, processos, qualidades etc.), enquanto uma palavra acessória “*n'est guère plus qu'un élément grammatical*”⁶ (*ibid.*), funcionando como palavras “*qui déterminent, qui précisent la valeur de ces mots principaux*”⁷ (*ibid.*). Sendo assim, os itens gramaticais são os elementos linguísticos que encadeiam os itens lexicais para a composição do discurso, frequentemente sujeitando-se a restrições morfossintáticas (como no caso dos artigos e das preposições) ou constituindo estratégias pragmático-discursivas (como as conjunções e os marcadores discursivos). Também entre os itens lexicais se incluem aquelas formas presas, como os afixos e as desinências, que veiculam informações gramaticais (como “pessoa”, “tempo”, “aspecto”, “intensidade” etc.). Assim posto, a gramaticalização tem a ver com a recategorização dos itens: itens lexicais passam a itens gramaticais, ou itens gramaticais assumem novas funções, frequentemente ampliando as que já possuíam.

A gramaticalização é um dos fenômenos linguísticos que mais têm despertado interesse nas últimas décadas, embora Heine *et al.* (1991) apontem que os chineses já se dedicavam ao assunto no século X. No início do século XX, Meillet (1912, p. 131) definiu gramaticalização como “*l'attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome*”⁸. O linguista francês

⁵ “As palavras principais são aquelas que indicam as ideias essenciais pelas quais se faz a frase.”

⁶ “não passa de um elemento gramatical”.

⁷ “que determinam, que precisam o valor dessas palavras principais.”

⁸ “a atribuição de caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.

punha ênfase na necessidade de se verificar as transformações por que passavam as formas gramaticais, e não apenas sua origem. Entretanto, como a Linguística da época estava mais interessada no estudo sincrônico da língua, desprezando análises diacrônicas, fenômenos de mudança linguística como a gramaticalização foram pouco explorados, só vindo a ocupar lugar de destaque nos estudos a partir dos anos 1970.

É de Kurylowicz (1965, p. 69) uma das definições mais repetidas do fenômeno: “*Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status*”.⁹ Com isso, entende-se que as formas lexicais, como os nomes e os verbos, podem adquirir funções gramaticais, tornando-se, por exemplos, conjunções, e que conjunções podem ter seu uso estendido a noções que antes não tinham.

Lehman ([1982] 1995) possibilitou que os estudos de gramaticalização avançassem significativamente quando apresentou uma série de parâmetros através da qual se poderia mensurar sincrônica e/ou diacronicamente a gramaticalidade de uma palavra ou expressão. Em seguida, Heine e Reh (1984) apresentaram um trabalho no qual estudavam o papel da gramaticalização nas línguas africanas, mostrando que o fenômeno é fundamental para o entendimento de como as línguas funcionam e de quais são seus aspectos universais.

Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) veem a gramaticalização como um ato criativo de resolução de problemas pelo qual velhos recursos são usados para a expressão de novas funções e cujas propriedades são motivadas pela cognição como um fator extralinguístico.

Hopper e Traugott (2003) apresentam-nos uma definição mais recente para o fenômeno. Para eles, a gramaticalização é “*the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions*”¹⁰ (op. cit., p. xv). Subentende-se, com essa definição, que o item ou a construção que sofre o processo de gramaticalização não necessariamente deixa de ser usado na acepção original.

Para Mendes (2013),

O processo de gramaticalização de determinada unidade tem frequentemente por base processos de *reanalyse*, isto é, uma nova interpretação de dados

⁹ “A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical.”

¹⁰ “O processo pelo qual os itens e as construções lexicais aparecem em certos contextos linguísticos para desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.” (Tradução minha).

linguísticos ambíguos, e de *analogia*, ou seja, uma mudança linguística que consiste na nova interpretação de uma unidade a partir dos padrões linguísticos que caracterizam outra unidade com a qual a primeira tem uma relação de semelhança (Mendes, 2013, p. 250 – grifos da autora).

Assim sendo, a gramaticalização envolve sempre um item já em uso no sistema o qual frequentemente mantém com outro item alguma relação de semelhança, o que desencadeia o processo de distanciamento entre os dois itens ou de expansão das funções de um deles de modo que este, geralmente, passa a cobrir os usos do outro, por vezes suplantando-o.

Há duas perspectivas sob as quais a gramaticalização pode ser estudada: sincronicamente, quando se busca identificar os graus de gramaticalidade desenvolvidos por uma forma linguística a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua; e diacronicamente, quando o que interessa é explicar como surgem e se desenvolvem as formas gramaticais na língua.

A possibilidade de se abordar o fenômeno sob essas duas perspectivas ocasiona entre alguns linguistas uma divergência na designação do processo. Para uns (Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994; Torres Cacoullós, 2000), que estudam o processo numa perspectiva sincrônica, o termo mais usual é *gramaticização*. Para outros (Heine e Reh, 1984; Hopper e Traugott, 2003; Menon, 2014), que observam o fenômeno do ponto de vista diacrônico, o termo *gramaticalização* é mais empregado.

Tendo a gramaticalização um “papel fundamental no processo de mudança linguística” (Bagno, 2011, p. 487) e sendo a mudança linguística o principal foco da Sociolinguística histórica desde sua fundação (Conde Silvestre, 2007, p. 75-6), o fenômeno tem sido abordado em seu viés diacrônico em relação com “*ciertos factores extralingüísticos que actúan para promoverlo o detenerlo en determinadas circunstancias.*”¹¹ (Conde Silvestre, 2007, p. 76).

Os Mecanismos da Gramaticalização

Um dos princípios mais alegados pelos estudiosos da gramaticalização é o da unidirecionalidade, isto é, o processo só se dá do lexical para o gramatical. Lehmann ([1982] 2015, p. 18) é enfático ao dizer que não existe ‘desgramaticalização’. Norde (2009), porém, desenvolveu estudos acerca do processo inverso, em que itens gramaticais (como um afixo) tornam-se itens lexicais (como substantivos), embora admita que não se trata de um fenômeno

¹¹ “certos factores extralingüísticos que atuam para promovê-lo ou detê-lo em determinadas circunstâncias.” (Tradução minha)

que percorre as mesmas etapas da gramaticalização, muito menos que desfaz um processo de gramaticalização concluído anteriormente.

Descrevendo a passagem de um item lexical a um item gramatical, Lehmann ([1982] 2015, p. 15) aponta três fases: *sintatização* (aquisição de propriedades que deslocam um item de sua classe categorial de origem), *morfologização* (passagem de uma forma livre, autônoma, a uma forma presa — afixos ou desinências) e *desmorfemização* (desaparecimento de um morfema, de modo que sua função passa a ser assumida por outros itens com os quais coocorre). Além disso, aponta as seguintes tendências (p. 174):

- atrito (*attrition*) — o item diminui suas características semânticas e perde material sonoro.
- paradigmaticização (*paradigmaticization*) — o item, que antes participa vagamente de um campo semântico, passa a fazer parte de um paradigma reduzido.
- obrigatorização (*obligatorification*) — o item passa a se tornar obrigatório para a expressão de certa categoria gramatical ou intenção discursiva.
- condensação (*condensation*) — o item passa a modificar palavras ou raízes.
- aglutinação (*coalescence*) — o item passa de forma livre a forma presa.
- fixação (*fixation*) — o item passa a ter uma posição fixa na sentença ou na cadeia sintagmática.

Hopper (1991), por sua vez, associa quatro princípios ao processo de gramaticalização, a saber: *estratificação* (coexistência de formas com função similar, que podem ou não ser estáveis), *divergência* (uma forma lexical se gramaticaliza passando a um clítico ou a um afixo, mas a forma lexical original permanece como um elemento autônomo), *especialização* (possibilidade de um item se tornar obrigatório, pela diminuição da possibilidade de escolha), *persistência* (permanência de vestígios do significado lexical original, muitas vezes refletido em restrições sobre o comportamento gramatical do item) e *descategorização* (diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, e conseqüente aparecimento de formas híbridas).

Duas propriedades — a diminuição da carga semântica e a perda de material sonoro — de uma das tendências apontadas por Lehmann ([1982] 2015), a que ele chama de *attrition* (“atrito”), têm sido bastante abraçadas por vários estudiosos da gramaticalização: a primeira, Haiman (1991) chama de redução semântica ou descoramento (*bleaching*) e defende que “occurs as a morpheme loses its intention: From describing a narrow set of ideas, it comes to

*describe an ever broader range of them, and eventually may lose its meaning altogether*¹² (op. cit., p. 154). Matisoff (1991, p. 384) afirma que o descoramento semântico diz respeito a *“the partial effacement of a morpheme’s semantic features, the stripping away of some of its precise content so it can be used in an abstracter, grammatical-hardware-like way.”*¹³ O linguista, portanto, destaca a passagem de um uso mais concreto do item para um mais abstrato, o que o converte num instrumento gramatical, num processo que pode ser considerado uma espécie de metáfora. Para ele,

Grammatization may also be viewed as a subtype of metaphor (etymologically “carrying beyond”), our most general term for a meaning shift, or glissement sémantique. Grammaticalization is a metaphorical shift toward the abstract, [...] “metaphor” being defined as an originally conscious or voluntary shift in a word’s meaning because of some perceived similarity. (Matisoff, 1991, p. 384).¹⁴

A outra propriedade — a perda de material sonoro — é discutida por Heine (1993, p. 106), que afirma que *“once a lexeme is conventionalized as a grammatical marker, it tends to undergo erosion; that is, the phonological substance is likely to be reduced in some way and to become more dependent on surrounding phonetic material”*¹⁵. O autor dá como exemplo os auxiliares ingleses *will* e *to be going to*, que expressam o futuro e frequentemente reduzem-se a *'ll* e *'s gonna*, respectivamente, apoiando-se no sujeito da frase afirmativa.

Bybee (2007) destaca a alta frequência de uso como fator condicionante da redução fonética. Para a linguista,

it has recently been fully documented that reductive sound change applies probabilistically across all frequency levels, affecting high-frequency items more quickly and radically than low-frequency items. The reason for this trend is that repetition of neuromotor sequences leads to greater overlap and reduction of the component articulatory gesture. As articulation becomes

¹² “ocorre quando um morfema perde sua intenção: da descrição de um reduzido conjunto de ideias, passa a descrever uma gama cada vez maior delas e, eventualmente, pode perder completamente o seu significado.” (Tradução minha).

¹³ “o apagamento parcial de traços semânticos de um morfema, o despojamento de parte de seu conteúdo preciso para poder ser utilizado de forma mais abstrata, à guisa de um dispositivo gramatical.” (Tradução minha).

¹⁴ “A gramática também pode ser vista como um subtipo de metáfora (etimologicamente “levar além”), nosso termo mais geral para uma mudança de significado, ou *glissement sémantique*. A gramaticalização é uma mudança metafórica em direção ao abstrato, [...] “metáfora” sendo definida como uma mudança originalmente consciente ou voluntária no significado de uma palavra por causa de alguma semelhança percebida.” (Tradução minha).

¹⁵ “uma vez que um lexema é convencionado como um marcador gramatical, tende a sofrer erosão, isto é, a substância fonológica é susceptível de ser reduzida de algum modo e de tornar-se mais dependente do material fonético circundante”. (Tradução minha)

more efficient, the output appears more and more to have been affected by assimilation and reduction¹⁶ (Bybee, 2007, p. 11).

A autora defende que a causa da erosão fonética está diretamente relacionada com o processamento neuromotor: sequências repetidas de comandos e ações neuromotores tendem a ser processadas como unidades simples; ao mesmo tempo, sequências repetidas tendem a se tornar mais eficientes devido ao aumento da sobreposição e da redução dos gestos envolvidos.

Acompanhando o processo de redução fonética, dá-se a redução morfológica e a consequente restrição sintática. À fase que Lehmann ([1982] 2015) chama de *morfologização* relaciona-se o que Heine e Kuteva (2002) designam como *descategorização* (“*deategorization*”). Segundo os autores, nesse processo há “*loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms*”¹⁷ (*op. cit.*, p. 2). Isto é: o item sofre redução das marcas flexionais e alteração nas propriedades sintáticas, como ocorre com a 3ª p. sing. do pres. indic. do v. *chegar*, no contexto abaixo, extraído de uma das cartas da amostra usada neste trabalho:

(2) fiquei tão feliz *chega* deu com vontade de chorar [C432]

Note-se, com este exemplo, a perda das marcas desinenciais de *chegar*, transferidas para o verbo principal (*dar*), de modo que aquele se reduz ao radical + vogal temática, resultando num elemento invariável e passando a ser empregado com valor de conector consecutivo.¹⁸

Como vemos, a gramaticalização é um processo constituído de etapas, portanto, não é um fenômeno que se dá na língua de forma súbita, como a criação de um novo termo, mas, sim, demanda tempo para que se conclua a série de deslocamentos e mudanças.

Hopper e Traugott (2003) defendem que o processo de gramaticalização percorre uma série de etapas consecutivas que eles chamam de *cline*:

The term “cline” is a metaphor for the empirical observation that cross-linguistically forms tend to undergo the same kinds of changes or have similar sets of relationships, in similar orders. “Cline” has both historical and synchronic implications. From a historical perspective, a cline is

¹⁶ “recentemente, tem sido plenamente documentado que a mudança fonética redutora aplica-se de forma probabilística em todos os níveis de frequência, afetando os itens de alta frequência de forma mais rápida e radical do que os itens de baixa frequência. O motivo dessa tendência é que a repetição de sequências neuromotoras leva a uma maior sobreposição e redução do gesto articulatório componente. À medida que a articulação se torna mais eficiente, a expressão parece ter sido cada vez mais afetada pela assimilação e redução.” (Tradução minha).

¹⁷ “perda nas propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de outras menos gramaticalizadas” (Tradução minha).

¹⁸ A gramaticalização de *chegar* está detalhada em Pena-Ferreira (2011), embora a autora descreva o processo apenas até a fase *chegar a* + infinitivo, em que *chegar* funciona como auxiliar e, como tal, ainda é flexionado.

conceptualized as natural “pathway” along which forms evolve, a schema which models the development of forms. Synchronically, a cline can be thought of as a “continuum”: an arrangement of forms along an imaginary line at one end of which is a fuller form of some kind, perhaps “lexical”, and at the opposite end a compacted and reduced form, perhaps “grammatical”¹⁹ (Hopper e Traugott, [1993] 2003, p. 6).

Como se percebe, para os autores, a gramaticalização se desenvolve numa sequência natural que pode ser acompanhada tanto do ponto de vista diacrônico quanto do ponto de vista sincrônico, porém, neste, o item linguístico analisado pode ser visto em graus de gramaticalização nos seus diferentes usos na mesma sincronia, como se estes usos formassem uma linha que vai do mais lexical ao mais gramatical.

Nem todos os linguistas concordam com a definição precisa de um *cline* ou com suas características exatas em determinados casos. Acredita-se que as etapas do *cline* nem sempre têm uma posição fixa, mas variam. No entanto, o famoso padrão de Hopper e Traugott ([1993] 2003) para o *cline* de gramaticalização ilustra as várias fases da forma:

palavra lexical → palavra gramatical → clítico → afixo flexional

Chama-se a sequência acima de “cline de gramaticalidade” (*cline of grammaticality*), no qual cada item à esquerda apresenta propriedades mais lexicais enquanto os itens à direita apresentam propriedades mais gramaticais. Os exemplos mais comentados de gramaticalização seguindo esse *cline* são os dos verbos plenos que, após se tornarem auxiliares, se convertem em desinências verbais. Lehmann ([1982] 1995, p. 146) mostra que o afixo flexional formador do futuro latino, isto é, *-b-* (cf. *amabo*, *amabis*, *amabit* etc.), é o resultado da gramaticalização sofrida pelo verbo proto-indo-europeu **bhew-* (“tornar-se”), a mesma fonte das atuais formas *be* e *been* (“ser” e “sido” em inglês) e *bin* e *bist* (“sou” e “és” em alemão). O mesmo processo se deu com o verbo pleno latino *habere*, cujas formas no presente se tornaram auxiliar de futuro no latim vulgar e resultaram no afixo flexional de futuro na maioria das línguas românicas (Benveniste, 1968; Bybee *et al.* 1994).

Naturalmente, nem todos os processos de gramaticalização seguem o *cline* apresentado por Hopper e Traugott ([1993] 2003), como no caso das formas que passam de item lexical a

¹⁹ “O termo ‘cline’ é uma metáfora para a observação empírica do que as formas translinguísticas tendem a sofrer os mesmos tipos de mudanças ou ter conjuntos semelhantes de relacionamentos, em ordens semelhantes. O ‘cline’ tem implicações tanto históricas quanto sincrônicas. Do ponto de vista histórico, um *cline* é conceituado como um ‘caminho’ natural ao longo do qual as formas evoluem, um esquema que modela o desenvolvimento das formas. Sincronicamente, um *cline* pode ser pensado como um ‘continuum’: um arranjo de formas ao longo de uma linha imaginária em cujas extremidades se encontram de maneira oposta: numa extremidade, é uma forma mais completa de algum tipo, talvez ‘lexical’, e, na outra, uma forma compactada e reduzida, talvez ‘gramatical’” (Tradução minha).

marcador discursivo. Da expressão “(o) que é de” à locução “cadê que”, como veremos na seção seguinte, a gramaticalização não seguiu o referido *cline*. A pesquisa aqui apresentada objetiva analisar o percurso traçado pelo item em foco tomando como referência uma amostra de cartas pessoais escritas ao longo do século XX à luz da teoria exposta acima.

Procedimentos Metodológicos

Para analisar as ocorrências das variantes da expressão interrogativa “cadê” em textos cearenses, foram utilizadas apenas cartas pessoais, num total de 431, escritas entre 1940 e 2000. As cartas fazem parte do *corpus* analisado por Araújo (2014) e por Araújo e Carvalho (2017). Constituem essa amostra cartas pessoais escritas por cearenses não ilustres de diversos municípios do estado do Ceará ou residentes fora do estado (tendo escrito as cartas pouco depois de terem deixado o Ceará). As correspondências foram coletadas a partir de conversas com moradores das cidades de Quixadá e de Fortaleza, os quais gentilmente cederam as correspondências que tinham guardadas para que fossem digitalizadas. As 431 cartas foram escritas por pessoas diferentes para diferentes destinatários, tendo alguns remetentes escrito mais de cinco cartas, enquanto outros escreveram apenas duas. As informações acerca do perfil social dos escreventes (faixa etária, naturalidade, moradia, profissão, nível de instrução etc.) foram obtidas através de conversas com os cedentes das cartas, que eram os próprios destinatários ou parentes destes.

Com os fac-símiles das cartas, foram feitas buscas pelas variantes da expressão interrogativa “cadê”, ou seja, “(o) que é feito de”, “(o) que é de”, “quede”, “quedê” e “cadê”. As ocorrências das variantes foram transcritas e analisadas levando-se em consideração o ano em que a carta foi escrita, o contexto de uso e o perfil dos remetentes.

A Gramaticalização de “(O) Que É (Feito) De” em Cartas Cearenses

Embora o uso de “cadê” seja bastante frequente no português do Brasil, encontrar ocorrências dessa expressão ou de alguma de suas variantes ao longo do processo de gramaticalização em textos escritos não é tarefa fácil. Numa busca entre as cartas da coletânea “Cartas brasileiras (1809-2000)”, de Carneiro *et al.* (2011), composta de 500 cartas disponíveis em 7 CDs, foi encontrada apenas uma ocorrência dessa expressão e esta se deu sob a forma plena, “o que é feito de”, numa carta de 1912 (vol. 2, disco 2):

(3) Caro Irmão| *O que é feito de V. ?* [C080-21.02.1012]

Já nas 431 cartas da amostra aqui utilizada, todas as variantes foram encontradas, exceto “quedê”, totalizando 22 ocorrências assim distribuídas:

formas	ocorrências
<i>o que é feito de</i>	7
<i>que é de</i>	2
<i>quede</i>	4
<i>quedê</i>	0
<i>cadê</i>	6
<i>cadê que</i>	3
total	22

Tab. 1: Ocorrências de “cadê” e variações em 431 cartas de cearenses do séc. XX

Nas cartas analisadas, as formas da expressão em estudo não aparecem como contemporâneas, mas vão se sucedendo ao longo do período recoberto pela amostra: a expressão plena “o que é feito de” ocorre 6 vezes e só aparece em cartas escritas durante os anos 1940 e 1950. A expressão sem o particípio aparece 2 vezes: a primeira em uma carta dos anos 1940, e a segunda em uma carta dos anos 1970. Convém ressaltar que, na primeira dessas ocorrências, o verbo “ser” se encontra no presente (*é*), na forma que se aglutinou com o pronome interrogativo, enquanto o mesmo verbo se encontra no futuro (*será*) na segunda ocorrência. A forma aglutinada “quede” aparece 4 vezes na amostra, uma em cada década a partir dos anos 1950 até os anos 1980. Já a variante “quedê”, oxítone, não foi localizada nas 431 cartas analisadas. Quanto a “cadê”, mesmo de amplo uso no português brasileiro, constataram-se apenas 6 ocorrências distribuídas em cartas a partir dos anos 1960. Embora nas cartas de cearenses aqui analisadas a palavra “cadê” só apareça a partir de 1964, tal palavra já se encontra em outros gêneros textuais produzidos por cearenses nas últimas décadas do século XIX, como demonstram os trechos (1) e (2) transcritos anteriormente. Finalmente, a expressão “cadê que”, que ocorre 3 vezes, só surge nas cartas dos últimos anos recobertos pela amostra. Se contarmos as ocorrências de “cadê” considerando também a aposição da partícula “que”, teremos 9 *tokens* dessa forma aglutinada nas cartas, o que é um uso mais frequente do que a forma plena inicial na mesma amostra. A tabela a seguir mostra a distribuição dessas formas por décadas, a partir dos anos 1940:

formas	décadas						Total
	1940	1950	1960	1970	1980	1990	
<i>o que é feito de</i>	6	1	-	-	-	-	7
<i>que é de</i>	1	-	-	1	-	-	2
<i>quede</i>	-	1	1	1	1	-	4
<i>quedê</i>	-	-	-	-	-	-	0
<i>cadê</i>	-	-	1	1	1	3	6
<i>cadê que</i>	-	-	-	-	-	3	3

Tab. 2: Ocorrências de “cadê” e variações em 431 cartas de cearenses por décadas do séc. XX

Como mostra Menon (2014), as formas aglutinadas “q’ é de”, “qu’ é de” e “quede” já encontram registro em textos desde o século XVI. Na amostra aqui analisada, entretanto, as formas aglutinadas (escritas nas cartas “quede” e “cadê”) não aparecem nas cartas mais antigas, quando a forma plena ainda é a preferida.

Especificamente nesta amostra de cartas, houve uma coincidência entre os estágios da gramaticalização e as datas das cartas: as formas menos gramaticalizadas, portanto plenas, ocorreram nas cartas mais antigas, ao passo que as formas mais gramaticalizadas, portanto aglutinadas e com ampliação de uso, ocorreram nas cartas mais recentes. Tal coincidência da progressão temporal acompanhando o avanço da gramaticalização sobre “o que é feito de” será tomada como base para a análise desse processo.

De “o que é feito de” a “o que é de”

Segundo Menon (2014, p. 113), “é possível que o processo de gramaticalização da frase ‘Que é feito de fulano’ tenha ocorrido em virtude de essa pergunta passar a ocorrer mais frequentemente, em substituição a outra pergunta que se arcaizou, em decorrência da perda do advérbio *u* (‘onde’)”²⁰. A autora encontrou registro dessa expressão numa comédia de 1555.

Nas cartas cearenses, porém, a expressão plena, inclusive com “o” antes do “que”, ainda estava em uso na década de 1940:

- (4) o certo é que não sei *o que é feito delle* (...) Peço que me escreva dando as noticias geraes d,ahi. *O que é feito da Cambézada!* em que altura ficou o movimento Manequista já faliu? [C013-11.11.1943]

²⁰ O advérbio *u* existiu no português arcaico até meados do século XV. Do latim *ubi* (“onde?”), ainda existe em francês (*où*) e em italiano (*ove*), que depois recebeu o reforço da preposição *de* (*dove*). (BAGNO, 2011, p. 851).

(5) *O que é feito de Leontinho Queiroz? (...) O que é feito do Patriarcha Aquitofel e sua frente de guerra? O que é feito de nosso velho amigo Pedro Coelho?* [C015-13.04.1945]

Observa-se que, em (4), o remetente faz uso da expressão tanto em interrogativas indiretas (1ª ocorrência) quanto em interrogativas diretas (2ª ocorrência – em que ele usa um “!” em vez de um “?”).

Na década seguinte, a expressão aparece sem o “de”, coordenada com outra oração interrogativa:

(6) *Zeca diga-me uma coisa curta e certa em geral o que é feito e em que se tornou os Cambés, aproveitaste algum deles, ou são eternamente manequista?* [C060-12-01-1954]

Em todas essas ocorrências, verifica-se que a expressão foi utilizada para inquirir sobre o paradeiro de alguém, não havendo até então, nas cartas, o uso da expressão para perguntar sobre animais ou coisas.

O remetente das cartas das quais foram extraídos os trechos (4) a (6) é um pastor evangélico com mais de 50 anos de idade à época em que as cartas foram escritas. Tendo deixado o Ceará no início dos anos 1940, ele mantinha correspondência com seu cunhado, também pastor, que residia em Quixadá, no interior do Ceará. Acostumado aos textos bíblicos, procurava empregar em sua escrita uma variedade mais próxima da norma culta, embora não fosse um homem com alto nível de instrução. A manutenção do participio “feito”, bem como do artigo no início da expressão interrogativa “o que é feito de” parecem ser um indicativo do caráter conservador do remetente. Todas as ocorrências da expressão em sua forma mais plena foram encontradas nas cartas desse pastor.

Esse mesmo remetente, em uma carta de 1943, emprega a expressão interrogativa plena com o verbo no pretérito:

(7) *Mas ficamos extremamente gratos em receber uma noticia tua, pois a muito que não sabíamos o que era feito de ti.* [C007- 11.11.1943]

Note-se, em (7), que, nesse estágio da expressão, cada componente mantém suas propriedades lexicais primitivas: o verbo “ser” ainda se comporta como verbo, uma vez que se conjuga em tempo e modo conforme a sintaxe do período — o verbo da oração matriz (“não sabíamos”) está no pretérito imperfeito, levando o verbo da oração complementar (“o que era feito de ti”) também para o pretérito imperfeito — e a preposição “de” rege o pronome

oblíquo tônico (“te”), o que não ocorre no estágio em que a forma sofreu aglutinação, quando se diz “Cadê tu?”²¹ em vez de “Cadê ti?”.

Ainda na década de 1940, encontra-se entre as cartas uma ocorrência de “o que é feito de” já com a omissão do artigo e do participípio. A carta foi escrita por uma senhora professora com aproximadamente 50 anos, residente no povoado de Serra Azul (no atual município de Ibaretama, então distrito de Quixadá), para um irmão mais novo que morava noutra localidade da região.

(8) Sem dinheiro *que é de* nós não é mesmo? [C016-11.12.1945]

Observa-se, nesse caso, que a forma elíptica já não inquirir mais sobre o paradeiro de alguém, mas, sim, traz um questionamento sobre uma situação mais abstrata que pode se estender a qualquer pessoa.

O verbo “ser”, neste estágio da expressão, ainda mantém o *status* de verbo, podendo flexionar-se em tempo. A carta 198, do final dos anos 1970, traz a expressão com o verbo no futuro:

(9) Como está o tempo, está sêco ou chovido, Francisco não sei *o que será de* nosso [mundo] se de repente os céus, e Deus nos castigar por nossa contaminação de nossos erros. [C198-10.04.1979]

A carta da qual se extraiu o trecho (10) foi escrita por um jovem cearense de 25 anos, natural de Quixadá, de onde havia saído quatro anos atrás para tentar a vida em São Paulo. Foi escrita para um amigo de mesma idade, ex-colega de escola. À época, ele tinha concluído o 1º Grau (correspondente ao atual Ensino Fundamental II).

Na ocorrência (9), a expressão já é usada para perguntar sobre o rumo das coisas, o destino do mundo. Embora ainda não tenha sofrido a perda das propriedades morfossintáticas (Heine e Kuteva, 2002), uma vez que o verbo ainda se pode flexionar (“o que é de” ~ “o que será de”), nota-se já uma expansão da cadeia da metáfora (Heine *et al.*, 1991): a referência deixa de ser *pessoa* para ser *processo*.

“O que é de” ~ “quede”

Nas cartas cearenses, a forma aglutinada “quede” aparece na década de 1940, portanto, coexistindo com “(o) que é de”. Nas ocorrências abaixo, a palavra é usada para interrogar sobre o paradeiro de pessoas:

²¹ Há uma música gravada pela banda cearense Aviões do Forró em 2012 intitulada “Cadê tu?”.

(10) *Quede* o irmão Lulu e o irmão Chiquinho Nogueira mande-me noticia deles.
[C014-25.10.1944]

(11) *quede* os irmão da cerra branca e do logrador ainda estão vizitando? [C053-19.05.1953]

O trecho (10) foi extraído de uma carta de uma senhora cearense, de mais de 50 anos, que se mudara para Juritizal, no Maranhão, de onde se correspondia com o antigo pastor da igreja onde congregava quando morava em Quixadá – o mesmo destinatário das cartas das ocorrências (6) a (8). Já o trecho (11) foi retirado da carta de um homem evangélico, natural de Quixadá, de aproximadamente 60 anos de idade, para seu amigo, o mesmo destinatário da carta anterior. O remetente estava havia pouco tempo em Itatiba, no estado de São Paulo, para onde se mudara com a família. Seria então a forma “quede” comum aos moradores do interior do Ceará?

Em uma carta de 1973, escrita em Mombaça (CE), o genro, de aproximadamente 40 anos, escreve ao sogro (o mesmo pastor destinatário das cartas dos dois trechos imediatamente anteriores) e reporta a pergunta que o filho criança lhe teria feito:

(12) O Gezánias ontén ele pergontou *quede* o vovô? Ele esta bem gordinho, so vive pedindo leite [C110-25.04.1973]

Não há como saber se a criança teria dito realmente “quede” ou se esta foi a forma de o pai reportar a fala do filho ao avô. Seja como for, o aparecimento de “quede” na referida carta mostra que essa forma ocorria no português falado no Ceará na década de 1970, quando também se registram “cadê” e “que é de”.

Outra carta, escrita em Fortaleza (CE), a sobrinha, uma mulher de 42 anos residente em Fortaleza, usa “quêde” para perguntar pelos tios e prima ao escrever ao primo de 26 anos residente em Quixadá:

(13) *Quêde* Jacinta? Tio Zé e tia Francina? [C216-22.01.1980]

O uso do acento circunflexo na primeira sílaba sugere a pronúncia do /e/ fechado, uma vez que, até 1971, era regra usar o acento circunflexo nas vogais tônicas dos paroxítonos que formavam pares mínimos diferenciados apenas pela mudança de timbre das vogais “e” (/e/, /ɛ/) e “o” (/o/, /ɔ/), como “êste” (pronome demonstrativo) e “este” (ponto cardeal), “sêde” (desejo de beber água) e “sede” (lugar onde reside um governo, p. ex.), “pilôto” (substantivo) e “piloto” (verbo), “lôbo” (animal) e “lobo” (parte saliente e arredondada de diversos órgãos), etc. O dicionário *Aurélio* (Ferreira, 2011) registra o par mínimo “quede” (com /ɛ/) e “quede”

(com /e/), ambos com o mesmo significado, além da forma “quede” (com /ε/), que é um calçado esportivo de lona.

Em um romance da literatura cearense que narra eventos ocorridos no interior do estado, com gente do povo, aparece “qu’ é de” na fala de uma das personagens, o que sugere que a pronúncia da sílaba “que” com vogal aberta [‘kε] era usual na fala cearense. Eis o trecho:

(14) — Qu’ é d’água! Onde fica o poço? (Oliveira Paiva, *DGP*, p. 20)

Assim, é possível que alguns escreventes em português até o final dos anos 1970 (considerando-se que muitas mudanças ortográficas levam tempo para se firmar entre os usuários de uma língua) pusessem o acento circunflexo na primeira vogal de “quede” por pronunciá-la com o timbre fechado. Não se pode afirmar, porém, se a primeira sílaba do “quede” sem acento encontrado nas cartas se pronunciava [‘ke] ou [‘kε].

A forma oxítônica “quedê” não tem registro nas cartas da amostra.

“Cadê” e “cadê que”

O aparecimento de “cadê” na amostra de cartas de cearenses do século XX se dá no ano de 1964, em uma carta escrita por um fiel ao mesmo pastor destinatário já mencionado. O remetente tinha aproximadamente 50 anos e havia se mudado de Quixadá para Anápolis (GO). Eis o trecho:

(15) ele disfrutou cinco anos e não fez como foi o nosso trato, *cadê* o sim e o não da Bíblia / esta no crente ou não esta [C081-07.10.1964]

Note-se nessa ocorrência a expansão do uso, ou seja, a progressão da metáfora, conforme Heine *et al.* (1991, p. 157):

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

O missivista não usa “cadê” para perguntar por alguém, mas por um posicionamento esperado conforme a Bíblia, o que poderia ser localizado no *cline* como uma qualidade (a coerência, a retidão, o caráter).

Nas ocorrências seguintes, “cadê” tem seu uso original, que é a busca de notícias sobre uma pessoa:

(16) Maria, *cadê* o Idelfonso como vai indo? Espero que bem [C204-19.08.1979]

(17) Maria como vão as coisas aí? *Cadê* o Pedro chegou? [C268 -16.12.1981]

As ocorrências (16) e (17) foram extraídas de cartas de uma mulher de idade entre 35 e 40 anos, então residente em Fortaleza, para a amiga em Quixadá.

Em uma carta de 1992, escrita por uma garota de 18 anos, residente em Fortaleza, para o namorado, residente em Quixadá, há a seguinte ocorrência de “cadê”:

(18) *Cadê* você que não escreve? [C376-06.10.1992]

Observe-se, nesta ocorrência, a aposição de uma oração tradicionalmente denominada de adjetiva explicativa (apesar da ausência da vírgula) ao pronome “você”, que se refere à pessoa de quem se busca saber o paradeiro. A oração aponta para o porquê da interrogação: a ausência de notícias. Esse tipo de estrutura pode ser a que gera a expressão “cadê que”, com o deslocamento do foco da pessoa para o fato:

(18’) *Cadê que* você escreve?

A expressão “cadê que” de fato aparece em três outras cartas cearenses do final dos anos 1990.

Também na última década do período recoberto pela amostra, verifica-se o uso de “cadê” em fim de frase:

(19) Todo dia espero um contato seu mais *cadê*? [C416-15.08.1996]

Note-se que a referência de “cadê” nessa frase não é pessoa, mas, sim, uma atitude, um processo (entrar em contato). Além disso, verifica-se o contraste entre o que se espera e o que de fato acontece. Essa relação contrastante entre expectativa e realidade também parece estar na base da locução “cadê que”, que tem ocorrência nessa mesma carta:

(20) A gente tinha combinado de ir junto pro comício do Juraci e *cadê que* você apareceu? [C416-15.08.1996]

A carta foi escrita por uma garota de 18 anos, residente em Fortaleza, ao seu namorado, também morador de Fortaleza.

No caso de (20), equivale a “quem disse que”, expressão usada para demonstrar descontentamento ante a constatação da não realização de algo esperado.

Locuções com “que” têm sido criadas com frequência na fase moderna da língua portuguesa falada, tomando-se como base um advérbio (“agora que”, “nunca que” etc.), um adjetivo (“capaz que”, “bom que” etc.), um substantivo (“pena que”, “sorte que” etc.), fato já comentado por Said Ali (1964, p. 104).

Sobre “cadê que”, Menon (2014, p. 125) comenta que “a junção passou a constituir uma espécie de marcador discursivo que substituiria uma oração inteira.” Ou seja, a segunda parte da frase (20) poderia ser assim parafraseada: “...e quem disse que você apareceu?”

Como dito acima, uma explicação possível para a passagem de “cadê” a “cadê que” é o deslocamento da focalização. Assim:

Cadê [você, que não apareceu]? → Cadê [que você apareceu]? → Cadê que [você apareceu]?

Ou seja: em vez de focar na pessoa, passa-se a focar na atitude que ela não teve, mas que era esperada.

As outras duas ocorrências de “cadê quê?” encontradas na amostra são também de cartas de jovens:

(21) É difícil tratá-lo apenas como amigo quando eu gostaria de dizê-lo do amor que eu sinto, mas *cadê que* eu tenho coragem? [C411-10.08.1995]

(22) talvez hoje eu estivesse em um emprego melhor e ganhando melhor. Mas *cadê que* eu pensei no meu futuro? [C417-15.02.1997]

A ocorrência (21) foi extraída da carta de um jovem de 15 anos que saía de Quixadá para cursar o então 2º Grau em Fortaleza e se comunicava com um amigo do interior. Já a (22) foi de uma carta de uma jovem de 19 anos residente em Quixadá para uma prima, da mesma idade, residente em Fortaleza. Note-se que, em ambas as ocorrências, a expressão “cadê que” equivale a “Quem disse que”, como aponta Menon (2014).

Considerações Finais

Apesar de não constar da relação de palavras interrogativas apresentada pela maioria das gramáticas normativas e descritivas do português, a forma “cadê” é bastante usada no português brasileiro para interrogar sobre o paradeiro de alguém ou de algo. Sua origem remonta a “(o) que é feito de”, que, segundo Menon (2014), já se verifica em textos portugueses do século XV.

As formas “quede”, “quedê” e “cadê”, resultantes da aglutinação de “que é de”, caíram em desuso em Portugal, porém continuam em uso no Brasil. Enquanto “quede” e “quedê” parecem estar em vias de desaparecimento, “cadê” tem emprego frequente. Embora não abonada, nem sequer comentada na maioria das gramáticas, “cadê” aparece em diversos contextos comunicativos, desde conversas informais a títulos de músicas populares e de programas de televisão, passando por *blogs* e *sites* na internet. De “cadê”, surgiu a locução “cadê que”, que pode ser considerada um marcador discursivo para expressar o desapontamento de alguém ante algo esperado, mas não realizado.

A passagem de “(o) que é feito de” a “cadê que” é um típico processo de gramaticalização iniciado já no século XV (Menon, 2014), e a forma aglutinada “quede” já aparece em textos do século XVI. Apesar disso, os diferentes estágios desse processo podem ser verificados na amostra de 431 cartas pessoais analisadas neste trabalho, todas escritas ao longo do século XX por gente cearense.

Analisando-se as cartas cearenses, nota-se que, embora algumas das formas tenham coexistido ao longo de décadas, “o que é feito de” só teve ocorrência até os anos 1950, enquanto “cadê que” só apareceu em cartas dos anos 1990. Outra constatação a partir das cartas é que, nelas, as formas “o que é feito de”, “o que é de” e “quede” só ocorrerão em cartas de pessoas de 40 anos ou mais, enquanto “cadê” ocorreu em cartas de pessoas de diversas faixas etárias e “cadê que” apenas em cartas de jovens de menos de 20 anos.

A análise aqui apresentada não pretende concluir que a expressão plena “o que é feito de” tenha desaparecido do português contemporâneo, substituída pelas formas menores decorrentes da erosão fonética que se seguiu ao aumento da frequência de uso. Tal constatação seria a de que houve mudança, o que não pode ser comprovado com apenas 21 ocorrências em 431 cartas escritas por pessoas provenientes de uma mesma região do país. Entretanto, aponta para uma tendência à gramaticalização já demonstrada por Menon (2014) ao analisar outros textos de épocas e regiões diversas e registra os usos que se têm feito da referida expressão em suas diferentes variantes no português de uma área delimitada do país, que é o estado do Ceará. Dentro dos limites da amostra, pode-se concluir que, de “(o) que é feito de” a “cadê que”, considerando-se as mudanças fonéticas, semânticas e pragmáticas, ocorre um processo de gramaticalização dentro dos moldes descritos por Lehmann (1982), Hopper (1991), dentre outros.

Referências

- ARAÚJO, F. J. N. *A variação ‘te’~‘lhe’ em cartas pessoais de cearenses no século XX*. 2014. 151 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.
- _____; CARVALHO, H. M. *Clíticos dativos em cartas pessoais do Ceará do século XX*. Letrônica. Porto Alegre, 10 (1), p. 157-174. jan.-jun. 2017.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.1056 p.

BENVENISTE, É. *Mutations of Linguistic Categories*. Austin: University of Texas Press, 1968. 10 p.

BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: University Press, 2007. 365 p.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: tense aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CARNEIRO, Z. de O. N. (org.) *Cartas brasileiras (1809-2000) – Coletânea de fontes para o estudo do português*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. 316 p.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madri: Gredos, 2007. 414 p.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed., Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

HAIMAN, J. From V/2 to Subject Clitics: Evidence from Northern Italian. In: TAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991. p. 135–158.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984. 308 p.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 318 p.

_____. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993. 176 p.

_____; KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 387 p.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization, Vol I: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

_____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1993] 2003. 276 p.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1986 p.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Diogenes*. **13**, p. 55-71. set. 1965.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 3. ed. Berlin: Language Science Press, 2015 [1982]. 214 p.

LEITE, F. J. M. *Grammatica portugueza dos lyceus*: em que se contém toda a doutrina exigida pelo ultimo programma official, organizado pelo Conselho d'Instrucção Publica. Porto: Civilisação, 1887. 256 p.

LUFT, C. P. *Novo manual de português*. São Paulo: Editora Globo, 1995. 842 p.

MATISOFF, J. Areal and universal dimensions of grammaticalization in Lahu. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. vol. II, Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1991. p. 383-454.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia* (Rivista di scienza), vol. XII, n. XXVI, 6, p. 130-148, 1912.

MENDES, A. Processos de gramaticalização. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (org.) *Gramática do português*. vol. 1 Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. 1145 p.

MENON, O. P. da S. Cadê e variantes: gramaticalização em língua portuguesa. *Caligrama*, Belo Horizonte, **19** (2), p. 99-130. 2014.

NORDE, M. *Degrammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2009. 145 p.

OLIVEIRA PAIVA, M. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Editora Escala, 2007 [1952]. 126 p.

PENE-FERREIRA, E. Metáfora e gramaticalização: Um estudo do verbo 'chegar'. *Veredas on line*, n. 2. p. 168-178, 2011.

RODRIGUES, S. 2015. Cadê a origem de 'cadê'? *Veja.com* (online). Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/cade-a-origem-de-8216-cade-8217/>>

SAID ALI, M. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. Ed. rev. e atual. Brasília: Ed. da UnB, 1964. 320 p.

TORRES CACOULOS, R. *Grammaticization, synchronic variation, and language contact: a study of Spanish progressive -ndo constructions*. Filadélfia: John Benjamins North America, 2000. 255 p.

FROM "(O) QUE É FEITO DE" TO "CADÊ QUE": A CASE OF GRAMMATICALIZATION IN PERSONAL LETTERS ALONG THE 20th. CENTURY

ABSTRACT

The word "cadê" is widely used in Brazilian Portuguese. Its origin came from the grammaticalization suffered by the expression "O que é feito de". The present article analyzes the passage from this

expression to the discursive marker “cadê que” in the light of Functionalism. It uses a sample of 431 personal letters written throughout the 20th century by people who lived in the state of Ceará, Brazil. The analysis shows that, although the process of grammaticalization and agglutination of the expression began even in the sixteenth century, all its forms occur in the twentieth century letters, but the less grammaticalized form “o que é feito de” fell from use in the letters around the 1950s, while the most grammaticalized form “cadê que” appears only in letters of the 1990s.

Keywords: Where; Grammaticalization; Personal letters.

Envio: fevereiro/2018
Aceito para publicação: agosto/2018

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267